

## SEMANA DE ARTE MODERNA: REFERÊNCIA DE TRANSFORMAÇÃO CULTURAL E DE FOLKCOMUNICAÇÃO

Eliane Mergulhão<sup>48</sup>

Sônia Jaconi<sup>49</sup>

**RESUMO:** Sabe-se que a Folkcomunicação é uma ciência genuinamente brasileira, tendo como objeto de estudo a comunicação no âmbito das manifestações populares, uma mistura de fatos históricos e tradições folclóricas. Dessa forma, sendo as obras literárias manifestações artísticas que possibilitam a reinterpretação e a recriação da realidade, este estudo tem como propósito apresentar as transformações culturais e as relações interculturais ocorridas em um período de transição em relação às crenças e às atitudes, chamada a Semana de Arte Moderna, também conhecida como Semana de 22, um movimento artístico que apresenta uma nova linguagem artística, como também, valoriza a identidade e a cultura brasileira, tendo como foco principal resgatar a identidade da cultura brasileira. Portanto, a Semana de Arte Moderna foi crucial para apresentar toda riqueza cultural existente no Brasil.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; Comunicação; Semana de Arte Moderna; Identidade.

### 1 Literatura e Folkcomunicação

Este estudo está situado na área de Folkcomunicação, tendo como tema as transformações culturais e as relações interculturais ocorridas numa época de transformação de pensamentos e atitudes, que foi a Semana de Arte Moderna, também conhecida como Semana de 22, um movimento artístico que valorizou, além de uma nova linguagem artística, a identidade e a cultura brasileira.

Observa-se que a transformação que ocorreu com o movimento da Semana de Arte Moderna tinha como propósito realizar uma mudança radical nas criações dos artistas brasileiros daquela época, defendendo uma arte mais livre, expressiva e com temas que representavam a brasilidade.

Se algo pode ser dito que possa definir a Semana da Arte Moderna é que foi uma mobilização transgressora e de reação ao pensamento e à estética estrangeira. A valorização das origens e das características nacionais sem maquiagem são exaltadas nas manifestações artísticas desse período. O Brasil passa a ser contato nas telas, nos poemas e romances, nas esculturas e nas letras das músicas e não mais apenas nos livros de história.

---

<sup>48</sup> Pós-Doutora e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Língua Portuguesa pela PUC São Paulo. [elianemergulhao@gmail.com](mailto:elianemergulhao@gmail.com)

<sup>49</sup> Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. [sonia.jaconi@uol.com.br](mailto:sonia.jaconi@uol.com.br)

Uma definição dessa semana de três dias pode ser encontrada em um trecho do discurso do orador oficial da segunda noite do evento, Menotti del Picchia (1994).

(...) a Semana da Arte Moderna, que renovava a mentalidade nacional, pugnavia pela autonomia artística e literária brasileira e descortinava para nós o século XX, punha o Brasil na atualidade do mundo que já havia produzido T. S. Eliot, Proust, Joyce, Pound, Freud, Planck, Einstein, a física atômica. (Bosi, 1994, p.339).

Percebe-se, então, que a Semana da Arte Moderna foi um divisor de águas de comportamento artístico e cultural que até então dominava o país. Os artistas e intelectuais que defendiam as ideias do modernismo gritavam, ao mesmo tempo, por negação e renovação do pensamento artístico. O grupo que defendia o modernismo naquela semana sepultava o que vinha sendo feito no campo da arte, que era a reprodução da estética europeia e, assim, levantava a bandeira da autonomia artística e de temas que retratavam o Brasil não romantizado.

Queremos luz, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismo, motores, chaminés de fábricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa Arte. E que o rufo de um automóvel, nos trilhos de dois versos, espante da poesia o último deus homérico, que ficou anacronicamente, a dormir e a sonhar, na era do jazz-band e do cinema, com a frauta dos pastores da Arcádia e os seios divinos de Helena. (del Picchia, 1922, citado por Bosi, 1994, p. 338)

Por meio dessa citação, observa-se que o movimento de 22 foi de resistência, de transformação cultural e de relações interculturais, agregando a diversidade, contestando a arte tradicional importada da Europa. Os rebeldes organizadores lutavam por uma arte com a cor do Brasil, ou seja, que representava os valores nacionais e fosse livre das amarras frias, formais e sentimentais influenciadas pelas tradições europeias.

O que se desejava, em geral, era a libertação da poesia das fórmulas e dos temas acadêmicos, para que se fizesse atual. Isso redundaria na procura de novos assuntos ou na destruição dos assuntos poéticos, em novos princípios de composição do poema e em novas formas de expressão. Mas o denominador comum era mesmo o desejo de libertação. (Coutinho 2004, p.45).

Dentro dessas perspectivas esse estudo correlaciona as ideias da Semana de Arte Moderna com as da Folkcomunicação que é uma ciência genuinamente brasileira, criada por Luiz Beltrão, tendo os seus estudos voltados a analisar as manifestações populares. Conforme Wójtowicz, antes de ser criada essa teoria da Folkcomunicação, Luiz Beltrão já tinha interesse por estudos à cultura e à comunicação popular.

Antes mesmo de ser criada a teoria da Folkcomunicação por Luiz Beltrão, o interesse por estudos voltados à cultura e à comunicação popular já demandava reflexões teóricas e investigações empíricas de pesquisadores brasileiros. Assim, ao constituir o cenário do que seria a “pré-história da Folkcomunicação”, a seção “Incursões emblemáticas” apresenta cinco textos que tratam de temas da cultura popular (frases

de para-choques, literatura de cordel, circo, carnaval e folclore), desvendando aspectos singulares destas manifestações. (Woitowicz 2013, p.419)

A semana da Arte Moderna causou alvoroço não apenas dentro do Teatro Municipal, mas também na mídia impressas da época. Antes do efetivo acontecimento, os jornais ocupavam suas páginas anunciando a programação e com críticas fervorosas dos que apoiavam e daqueles que desmereciam a semana.

No *Correio Paulistano* foram noticiadas informações sobre os artistas revolucionários e a nova estética. O mesmo podia ser visto no *Jornal do Comércio* nas colunas de Oswald de Andrade e de Cândido Motta Filho. Eis um desses trechos:

Nunca nenhuma aglomeração humana esteve tão fatalizada a futurismos de atividade de indústria, de histórias da arte, como a aglomeração paulista. Que somos nós, forçadamente, iniludivelmente, se não futuristas – povo de mil origens, arribado em mil barcos, com desastres e ânsias? (Aranha 1921 citado por Bosi 1994)<sup>50</sup>.

Observa-se a relação desse evento com a intencionalidade de Luiz Beltrão, pois tanto os protagonistas da Semana de 22 como a Folkcomunicação apresentavam um anseio em valorizar a cultura brasileira, como Dias e Jaconi (2020) afirmam que demonstravam um interesse pela comunicação do povo, pelas lendas contadas nos terreiros, pelas festas populares, manifestações artísticas típicas da cultura brasileira.

Sobre o desejo de liberdade artística e, conseqüentemente, de abnegação do padrão estético instaurado no país, foi declarado pelo orador Menotti, no segundo dia daquela Semana:

A nossa estética é de reação. Como tal, é guerreira. O termo futurista, como que erradamente a etiquetaram, aceitamo-lo porque era um cartel de desafio. Na geleira de mármore de Carrara do Parnasianismo dominante, a ponta agressiva dessa proa verbal estilhaçava como um aríete. Não somos, nem nunca fomos “futuristas”. Eu, pessoalmente, abomino o dogmatismo e a liturgia da escola de Marinetti. Seu chefe é para nós um precursor iluminado, que veneramos como um general da grande batalha da Reforma, que alarga o seu front em todo o mundo. No Brasil não há, porém, razão lógica de social para o futurismo ortodoxo, porque o prestígio do seu passado não é de molde a tolher a liberdade da sua maneira de ser futura. Demais, ao nosso individualismo estético, repugna a jaula de uma escola. Procuramos, cada um, atuar de acordo com nosso temperamento, dentro da mais arrojada sinceridade. (Salgado, Menotti, Ricardo 1927 citado por Bosi 1994).

Como o anseio por liberdade era a essência do movimento artístico da Semana de 22, foi preparada para acontecer no centenário da independência do Brasil com o propósito de reforçar o espírito de luta por emancipação das rédeas europeias, que sempre direcionaram as decisões políticas, comerciais e artísticas do país.

---

<sup>50</sup> “Reforma Literária” in *Jornal do Comércio*, 19-5-1921.

Assim, houve uma preocupação com a independência artística, sendo o Modernismo brasileiro responsável por uma ruptura total com as tradições artísticas que circulavam no país e, paralelamente, esse mesmo movimento queria resgatar e se prender às tradições das origens brasileiras, de suas raízes e dos hábitos culturais. Dessa forma, a literatura foi usada pelos escritores como uma forma de recriar a realidade, mostrando um Brasil brasileiro.

Vale ressaltar a importância do escritor Luiz Beltrão quando constrói um painel estruturado e relacionado à comunicação à literatura pois, conforme Dias(2008), antes de Beltrão criar uma ciência genuinamente brasileira, a Folkcomunicação, ele já apontava por intermédio de suas obras literárias as raízes culturais de sua nação.

Estudos de história da arte e da cultura vêm constatando que existia, entre os intelectuais e artistas participantes da Semana, um olhar para o futuro, que trazia um desejo de ruptura, de inovação e de experimentação. Mas, ao mesmo tempo, descortinava um sentimento de nostalgia, um retomar das raízes culturais que marcaram o processo de formação histórica da nação. Na modernidade artística brasileira há, sem dúvida, um ponto de tensão entre a racionalidade modernizadora e a realidade da tradição.” (Fabris and Gonçalves 2013)

Transgredir um padrão instaurado em uma sociedade, seja artístico, político ou comercial, é uma empreitada de enfrentamentos e resistências. De um lado estão os que anseiam por mudança e inovação, do outro estão os que defendem a permanência do modelo vigente. Esses entraves costumam causar divisões, debates violentos, rompimentos e, principalmente, podem se tornar um divisor de águas de um cenário para outro. No caso da Semana de 22, pode-se dizer que aqueles dias funcionaram como um estopim para um novo ciclo de pensamento artístico e intelectual.

Os organizadores do movimento modernista apresentaram a carta de alforria das manifestações artísticas à sociedade e, com isso, instauraram uma nova estética cultural, no território nacional.

A Semana dividiu o público entre adoradores e detratores. Na segunda noite, dia 15 de fevereiro, *Os Sapos*, poema de Manuel Bandeira (1886-1968), que não compareceu ao evento, seria declamado por Ronald de Carvalho, em meio às vaias da plateia. Ao ridicularizar os parnasianos por seu apego à métrica, *Os Sapos* representou uma espécie de declaração de princípios dos modernistas. A partir de então, estavam liberados os versos sem rima. Tiraram, enfim, os grilhões da poesia. (Menezes 2013)

A transformação cultural defendida pelo movimento modernista impactou severamente a linguagem artística e a forma como a arte passou a ser apresentada ao público. A poesia, por exemplo, passou a ser declamada e encenada, o que antes aparecia somente na forma escrita. A música ganhou a companhia da orquestra, deixando a exclusividade da capela no passado. A arte plástica saltou das telas para as esculturas e maquetes de casas e prédios espalhadas nos

salões. Tudo parecia um verdadeiro caos artístico e cultural. A simetria, as rimas perfeitas e a combinação de cores e formas não faziam mais sentido para a nova arte que, daquele momento em diante, deveria ser mais autêntica e representativa do cenário nacional.

Prestes a celebrar dois séculos, a Semana de 22 revelou ao mundo a capacidade criativa dos artistas brasileiros e uma identidade livre das cópias europeias. A título de ilustração, pode-se citar a famosa obra *Abaporu* de Tarsila do Amaral que é anunciada como uma representação forte da negação da cultura estrangeira, dando início ao Movimento Antropofágico. Na tela de Tarsila percebe-se a exposição acentuada do trabalho braçal e duro exercido pela maioria dos trabalhadores brasileiros, em um ambiente quente e seco, que os forçavam a uma situação difícil e de raras oportunidades de transformação social. Também, no título da valiosa pintura, a figura do índio é evidenciada, podendo ser visto como o resgate da origem do povo brasileiro e de suas tradições.

Como se vê, as reivindicações do movimento modernista revelam o desejo de seus artistas em fortalecer a identidade cultural de um Brasil que tinha muito mais a mostrar do que ser simplesmente um espaço que absorvia e reproduzia o que vinha do velho continente.

## 2 Folkcomunicação: Uma teoria que engrandece a identidade da cultural do Brasil

Logo, após esse contexto em relação às manifestações populares, essa ânsia em fortalecer a identidade cultural do povo brasileiro, aparece Luiz Beltrão, um jornalista, literato e pesquisador, que tinha, por intermédio de suas escritas, procurar respostas em relação às indagações culturais regionais de seu país, assim, desenvolveu a teoria da comunicação dos excluídos, a Folkcomunicação.

**Folkcomunicação** – Em termos gerais, pode-se dizer que *folkcomunicação* é a comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: *folkcomunicação* é a comunicação através do folclore. [...] A origem do termo folkcomunicação se deu em 1967, com a tese de doutoramento do Prof. Luiz Beltrão. (Luyten apud Queiroz e Silva, citado por Melo. 2001.p.8)

Portanto, constata-se que a Folkcomunicação é responsável pelo estudo da comunicação com foco nos agentes e nos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias. (Beltrão 2001).

Agora, é importante saber quem foi Luiz Beltrão, jornalista, literato e pesquisador, dedicando-se, sempre, em apresentar um Brasil desconhecido por uma grande parte da população brasileira, assim afirma José Marques de Melo (2001).

Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918 – 1986) destaca-se no panorama intelectual brasileiro como paradigmática. Seu nome está imediatamente associado à

Folkcomunicação, disciplina que integra o universo das Ciências da Comunicação. Se consultarmos duas obras de referência da literatura comunicacional brasileira, veremos que Luiz Beltrão é sinônimo de Folkcomunicação. (Melo, 2001.p.7, in Beltrão 2001)

Acredita-se que devido a ele ter iniciado suas atividades como jornalista no Diário de Pernambuco, levou-o a conhecer de perto as manifestações populares existentes na região pernambucana, dessa forma, utilizou, também, a literatura para descrever as manifestações populares daquela região, sabendo que por intermédio dos seus contos e romances já apresentava as tradições populares. Assim afirma Dias(2008).

Luiz Beltrão afirma que a dinâmica, que vem sendo construída desde a ação dos antepassados, possibilita que agora se possa interpretar a atualidade na qual nos encontramos. Por essa razão, a massa [e aqui ele defende a ideia de que todos conseguem, sendo letrados ou não letrados] interpreta e reinterpreta os produtos culturais, seguindo rumo ao desenvolvimento, estruturando a realidade com vistas à diminuição das limitações do psiquismo animal e em busca de comportamentos inteligentes, reflexivos, carregados de significados vivenciais. (Dias 2008, p. 182)

Em síntese, observa-se que se a Folkcomunicação representa o dinamismo das manifestações culturais, tendo sempre por base o folclore, as obras literárias, fazendo parte desse contexto, serão cruciais para melhor depreender a realidade brasileira, pois ao ler as obras literárias da Semana de 22 e as obras literárias de Beltrão, percebe-se que a literatura é a recriação da realidade por meio da arte da palavra.

### 3 Considerações Finais

Diante do que foi apresentado até aqui, pode-se chegar a algumas conclusões. A primeira é que a Semana de 22 foi um movimento transgressor e de resistência aos modelos artísticos vigentes na época. Também que seus idealizadores queriam romper com as reproduções europeias e, assim, criar uma arte autêntica e que pudesse fortalecer a identidade nacional.

As manifestações populares passaram a ser valorizadas no movimento modernista e o Brasil passou a ser revelado na pintura, na escultura, na poesia, nos romances e na música. A agitada Semana glorificava a liberdade criativa e aparentemente caótica e não mais a simetria e a ordem metrificada do parnasianismo.

Outra conclusão importante sobre a Semana transgressora é que pode ser vista como a que deu o pontapé inicial para a superação do complexo vira-lata que sempre assombrou os brasileiros, neste caso, os intelectuais e artistas. E a Folkcomunicação por ser uma ciência surgida no Brasil, com intuito de apresentar toda a cultura brasileira, complementa os ideais

propostos pelos idealizadores da Semana de Arte Moderna, ou seja, apresenta a importância de se conhecer as manifestações populares, que representam a identidade do Brasil.

## REFERÊNCIAS

Andrade, Tadeu Luciano Siqueira. 2004. "A Obra de Jorge Amado a Realidade Linguística Das Classes Subalternas." In *VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia - Cadernos Do CNLF, Série VIII, No.11*. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-03>. Acesso em 11/08/2020.

Beltrão, Luiz. 2001. *Mídia e Folclore – O Estudo Da Folkcomunicação Segundo Luiz Beltrão*. São Paulo/Maringá: Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação/Faculdades Maringá.

Bosi, Alfredo. 1994. *História Concisa Da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix.

Coutinho, Afrânio. 2004. *A Literatura no Brasil Era Modernista*. São Paulo: Global.

Dias, Eliane Penha Mergulhão. 2008. "Marcas Folkcomunicacionais Na Obra Literária de Luiz Beltrão." Universidade Metodista de São Paulo.

Fabris, Annateresa, and Lisbeth Rebollo Gonçalves. 2013. "Seminário Pesquisa Na ABCA: Balanço e Perspectivas : Anais." *Seminário Pesquisa Na ABCA*. Associação Brasileira de Críticos de Arte.

Melo, José Marques de. 2014. "Rebeldia Folkcomunicacional, Por José Marques de Melo - Portal IMPRENSA - Notícias, Jornalismo, Comunicação." Portal Imprensa. November 3, 2014.

[http://portalimprensa.com.br/revista\\_imprensa/jose+marques+de+melo/69088/rebeldia+folkcomunicacional+por+jose+marques+de+melo](http://portalimprensa.com.br/revista_imprensa/jose+marques+de+melo/69088/rebeldia+folkcomunicacional+por+jose+marques+de+melo).

Melo, José Marques de (org). 2001. *Mídia e Folclore: O Estudo Da Folkcomunicação Segundo Luiz Beltrão*. Maringá: Faculdades Maringá / Cátedra Unesco/Umesp.

Menezes, Cynara. 2013. "Semana de Arte Moderna, 91 Anos: Os Sapos, de Manuel Bandeira - Socialista Morena." Socialista Morena. February 13, 2013.

<https://www.socialistamorena.com.br/semana-de-arte-moderna-91-anos-os-sapos-de-manuel-bandeira/>.